

Jornal do Domingo

REVISTA UNIVERSAL

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

50 réis à entrega nas localidades onde houver correspondentes; nas outras localidades de

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR:

Anno ou 52 numeros, 26500 réis; Semestre ou 26 numero 16500 rs.; trimestre ou 13 numeros 7000 rs.; avulso 60 rs.

— ANNO II—27 DE AGOSTO DE 1882—N.º 27 —

GERENTE-PROPRÍETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros, 75000 réis; semestre ou 26 numeros 45000 rs.; trimestre ou 13 numeros 25000 rs.; avulso 200 rs

São agentes da empresa no Rio de Janeiro os srs. **Lino & Faria**, Rua do Ouvidor.

SUMARIO

GRAVURAS:—Abraão expulsando Agar e Ismael. Um calvario do século XV. E eu também poderia ter sido feliz. A joven grega do leque
TEXTO:—Actualidades, por Gervasio Lobato As nossas gravuras, por P. C. Antighalhas, por Maximiliano d'Azevedo. Rosicler, por S. M. Roederer, por.
Julio Cesar Machado. Um caso de magnetismo, por Guimarães Fonseca

ACTUALIDADES

Ainda bem que na minha ultimachronica me comprometti solemnemente para com os meus leitores a fallar-lhes em Fernando Caldeira e nas suas *Mocidades* e no seu azeite! Se não fosse essa promessa,

achava-me hoje na posição triste d'um pregador em sexta-feira de paixão.

O assumpto imposto pelo dia é a sr.ª Marini, e eu teria de pregar aqui, no *Jornal do Domingo*, acerca do orago de hoje, como já preguei no *Ocidente*, no *Diario da Manhã*, e em todos os outros

jornaes por onde a minha prosa se alastra.

Ter de andar de freguezia em freguezia a contar a vida do mesmo santo, com adjectivos differentes, é a coisa mais seccante que se pode imaginar, mesmo depois d'uma audição da comedia *La cadena* e por isso eu se não adorasse já Fernando Caldeira



ABRAHÃO EXPULSANDO AGAR E ISMAEL.

pelo seu caracter, pelo seu talento e pelo seu azeite, era muito capaz de me pôr agora a adoral-o simplesmente por elle me fornecer o ensejo de, ao menos no *Jornal do Domingo*, não ter que fallar da sr.^a Marini.

Nunca pessoa alguma cumpriu com tanto prazer uma promessa sua e é cheio de jubilo que eu vou fazer honra á minha palavra fallando-lhes exclusivamente de Fernando Caldeira.

A primeira vez que o vi—não foi n'um confeiteiro defronte do conservatorio—foi encostado á porta do café central, um café que morreu ha pouco tempo ainda para me dar já aqui um interessante paragrapho de recordações de Lisboa. Fica para mais tarde, é um assumpto que abobora.

—Quem é aquelle homem de barba ruiva? perguntei eu a um amigo meu e que o comprimentára...

—E' o Fernando Caldeira.

—Ah! aquelle é que o Fernando Caldeira? E' muito embirrento.

—É um excellente rapaz.

—Pode ser mas a cara é de uma antipathia.

—E tem talento.

—Talvez, mas a cara é de uma embirração...

D'ali em diante comecei a ver por toda a parte Fernando Caldeira e puz-me a embirrar com elle com uma ancia de quem não tem mais que fazer...

Já veem «que vel-o e amal-o» não foi para mim obra de um momento.

Essa antipathia como veem não tinha motivo algum sensato, e hoje olhando para Fernando Caldeira não a posso explicar senão por um presentimento. Um presentimento, um não, dois, uma contasinha já soffrível para uma embirração.

Passadas semanas, comecei a encontrar muito Fernando Caldeira n'um sitio que nós ambos frequentavamos a miúdo. O motivo que ali nos levava era um só, um e nós eramos dois.

A antipathia principiou então a ser odio com uma velocidade de Bragossi.

Elle começou a corresponder-me ao meu odio com toda a vontade.

Uma noite então julgo que chegou a ter-me muito mais odio, do que eu nunca lhe tive.

N'essa noite eu estava tão contente, que principiei a sympathisar com elle.

Na noite immediata, a antipathia voltou-me mais forte, e quem sabe, talvez a sympathia começasse a poyoar-lhe o coração.

Andámos assim um par de mezes, e entre nós nunca se trocou uma palavra, ou um cumprimento.

Depois estivemos muito tempo afastados um do outro.

D'ali a annos tornámos a approximar-nos.

Então d'essa vez foi a elle que coube o papel de tyranno.

Todas as noites eu ouvia Fernando Caldeira dizer mal de mim com uma convicção tão profunda, que ás vezes chegava até a abalar-me.

E eu ria muito, com as indignações d'elle. Um dia porem chegou a occasião de elle se rir de mim, e n'esse momento eu tive desejos serios de o assassinar e de comer sopas molhadas no seu sangue.

Quem me diria que d'ali a pouco comeria sopas molhadas no seu azeite!

Profundos arcanos do destino!

O paragrapho anterior é um pouco nebuloso. Não podia ser d'outra forma, já é tarde agora para dizer que o não leiam, mas realmente aquelle paragrapho foi escripto muito especialmente para elle.

D'aqui para diante prometto ser muito mais claro, promessa facil de cumprir desde que as reticencias acabaram nas minhas relações com Fernando Caldeira.

Veiu o *Diario da Manhã*, e Chagas que tem por elle uma amisade e uma consideração que o seu caracter e o seu talento justificam plenamente, apresentou-nos.

Nós trocámos umas palavras cerimoniaes e reservadas. Eram 8 horas da noite: á meia noite sabíamos da redacção de braço dado. No dia immediato tratavamo-nos por tu.

E de todas as enormes finezas que eu nunca poderei pagar a Pinheiro Chagas, a maior de certo é a apresentação a Fernando Caldeira.

Não conheço em toda a Lisboa uma organização mais entusiasta, que a de Fernando Caldeira. É um artista completo e permanente.

Não ha ninguem que na sua vida não tenha um momento em que se sinta artista, mas d'ahi a sel-o sempre, permanentemente, em todas as coisas da vida, vae uma differença enorme.

Fernando Caldeira é-o sempre, e ia apostar que a estas horas, em que elle está fazendo gravemente concurso no ministerio do reino, para o lugar de 1.^o official, burila uma portaria com toda a delicadeza d'um soneto.

Uma coisa que eu tenho vontade de ver e que em nome da litteratura portugueza se devia fazer, era um exame ao archivo de Aveiro, do tempo em que Fernando Caldeira foi ali governador civil.

la apostar que ha verdadeiros poemas entre os numerosos officios e editaes da sua administração.

O temperamento artistico de Fernando Caldeira leva-o a *enfantillages* extravagantes que nos deixam assombrados. Por exemplo: Um dia Fernando lembrou-se de cultivar o *calemburgo* — os paladares mais delicados tem lá o seu dia em que provam um bocado d'assorda d'alho — e poz-se a fazer *calemburgos* com o escrúpulo d'um artista, a brincar com elle como um *jongleur* de rimas, e com uma finura, e uma delicadeza que pediam muito melhor applicação.

Senão vejamos:

Eu souhei, que ia provando
pela tua *bocca mel*, ia
a beijar uma *camelia*
e ao mesmo tempo sonhando,

Era a que tinhas no meio
do decote do *vestido*...
Se eu te não amasse, ah! creio!
não a tinha *talvez tido*.

Ingrata! a ver-me sem falla
ancioso e tu bem *sabias*...
ias comtudo esfolhal-a
alli mesmo. Quem *sabe?* ias!

Depois, da mão descuidosa
lendo em minh'alma *se leste*
entre um sorriso *celeste*
deixaste cair a rosa.

Caiu-te aos pés... N'um momento
era minha. Oh! *faze ideia*
quíz lhe dar a vida e *dei-a*
n'um longo beijo sedento.

Mas traz um feltro *consigo!*
Trouxe-o talvez do teu *seio!*
Faz sonhar, mas não *consigo!*
sonhar, que sonhas; eu *sei-o*,

que, se o meu sonho *só mente*
não mente a flor, que em teu peito
murchava achando *sómente*
a neve, de que elle é feito

Digam-me se se pode ser mais elegante, mais distincto, mais original na banalidade velha e sem importancia do trocadilho. E elle que é capaz de fazer arte n'um calemburgo, não o será de a fazer n'uma carta de lei! Oh! se é! E o sr. Avelino Fernandes que requeira ao ministerio do reino as provas do concurso de Fernando Caldeira, e vá já preparando para ellas uma d'aquellas deliciosas edições extraordinarias, que só elle sabe fazer em Lisboa, e que em nenhum poeta cabem melhor do que em Fernando Caldeira, que é o poeta mais delicado, mais aristocratico, mais finamente gracioso que tem Portugal.

Não citei das *Mocidades* senão a poesia mais inferior, uma poesia que seria ridicula feita por qualquer que não fosse Fernando Caldeira. Citei-a simplesmente para mostrar até que ponto aquelle temperamento artistico leva a excentricidade pueril, o brinquedo jovial. Leiam as outras poesias e verão como o talento que se occupa n'estas ninharias de filigrana, se eleva ás grandes concepções artisticas, as bellas estrophes bronzeeas e fortes da alta poesia moderna.

Estou no fim da chronica e ainda não fallei do azeite...

Oh! o azeite de Fernando Caldeira, uma poesia com pargo, um idyllio com salada, uma epopéa com bacalhau norueguez!

Em summa, não fallo d'elle, prefiro muito mais bebel-o ou comel-o; quem o conhecer que escolha o verbo mais apropriado.

Mas é espantoso como os *successos* litterarios se estão dando em Lisboa.

Imaginava que fallando dos *Sonetos* de Sousa Monteiro, e das *Mocidades* de Fernando Caldeira, esgotava as actualidades litterarias de Lisboa. Puro engano! Ao acabar de ler as *Mocidades* apparecia na cidade um outro grande *successo*; a apparição d'um jornal chamado o *Alfacinha*, redigido por Urbano de Castro e illustrado por Joaquim Costa, um desenhador novo que tem um lapis elegante e um talento jovial.

O *successo* está perfeitamente explicado, e ainda bem porque eu não posso dispor nem de mais uma linha para explical-o.

GERVASIO LOBATO.

AS NOSSAS GRAVURAS

Abraão expulsando Agar e Ismael

No tempo em que Deus Nosso Senhor cavaqueava com os homens todos os dias, e em que os anjos

passavam a sua existencia em recadinhos de cá para lá, e de lá para cá, succedeu o caso que a nossa gravura representa, gravura que é simplesmente copia de um quadro de um pintor hollandez famoso, cognominado o Van-Dyck hollandez.

Abrahão, como sabem de certo, era um bom patriarcha da Mesopotamia, pae da raça hebréa, que pullula por esse mundo de forma tal que, apesar do captivo de Babilônia, captivo em que se perderam dez tribus, as quaes, segundo assevera o Parson Amen dos *Oak Openings* de Cooper, são nem mais nem menos que as tribus da America do Norte, apesar da matança que fez n'elles o imperador Tito quando tomou Jerusalem, apesar dos christãos terem levado uns poucos de seculos a chacinhar nos infelizes, apesar de todas as inquisições d'este mundo, apesar da agitação anti-semitica da Russia, ainda ha um bom par de milhões de judeus espalhados por esse mundo. Ninguem diria porem que o digno Abrahão seria pae de tanta gente, porque foi casado com uma mulher chamada Sara, que chegou aos cem annos sem ter filhos, e que perdera como é facil de suppôr, a esperança de os vir a ter. Entendendo porem a boa senhora que a rica herança de seu marido não podia ficar ali jacente para a apanhar algum delegado do thesouro da Mesopotamia, aconselhou a seu marido que arranjassem algum filho por fora de casa, filho que depois receberia como se ella propria o tivesse dado à luz.

Se Sara bem o disse, Abrahão melhor o fez. Ainda Sara não acabara bem de dar o recado, já o bom do Abrahão andava á tuna, á procura de mulher que podesse ser mãe dos filhos de sua esposa. A ponto lhe appareceu esta Agar, que se vê na gravura, egypcia desenhovallhada e de boas carnes, que depois de ter ouvido da boca da sua propria ama qual a missão de que devia encarregar-se, a desempenhou tão conscienciosamente que, passado o praso do estylo, apresentou ao feliz casal um rapazito guapo e esbelto que recebeu o nome de Ismael, e que foi creado em casa com a devida estimação. O que é viver uma pessoa nos tempos biblicos! Hoje muitas senhoras tomam amas para os filhos, mas tomar mães para elles, só na Mesopotamia, n'esses felizes tempos.

O pequenote crescia, e dava esperança de vir a ser herdeiro de todos os rebanhos de seu pae, quando appareceu um anjo em casa de Abrahão. Não se fez reparo. Os anjos appareciam por lá como os carteiros nas nossas casas. O anjo trazia um recado de Nosso Senhor para Sara.

—Manda Nosso Senhor dizer, disse o anjo, que tu has de ter um filho, e que d'esse filho é que sairá o povo escolhido.

—Um filho na minha idade! observou Sara, que ainda achou meio de cólar.

—Um filho na tua idade! Assim o determina o Omnipotente. Ouviste, Abrahão? proseguiu o anjo, voltando se para o marido que ouvia estupefacto esse extraordinario recado.

—Ouvi, meu senhor! murmurou melancolicamente o bom do homem, que julgava a questão da herança liquidada.

O anjo partiu, e, no fim do prazo habitual, Sara teve um filho que recebeu o nome de Isaac. Apenas se apanhou com o pequeno, a boa da Sara declarou que haviam de ir para o meio da rua Agar e Ismael.

Podia observar a pobre escrava que ella não desinquietara Abrahão, nem sequer fôra seduzida por elle, que se prestara a dar um filho á famíia por ordem expressa de seu amo; que expulsarem-n'a a

ella e mais ao filho era uma patifaria de uma ordem tal que realmente para fazer coisas d'essas, não valia a pena estar sempre com anjos em casa, e em comunicação permanente com Deus Nosso Senhor.

Sara fez a todoisso onvidos de mercadora, declarou que sim, mais que tambem, que não queria barulhos entre os filhos, e fez a Abrahão uma pintura terrível dos desastres que poderiam succeder-se Ismael ficasse em casa conjuntamente com Isaac. O Ismael era mais velho; quando tivesse bulhas com Isaac sempre lhe havia de arrumar um cachação mais forte. Sara interviria para proteger o filho, Agar, na sua qualidade de mãe, seria capaz de faltar ao respeito devido á patrão, e Agar por ser mais nova e Ismael por ser mais velho sempre ficariam de cima nas luctas que travassem respectivamente, ella com Sara, elle com Isaac; sendo isso altamente prejudicial para o principio da auctoridade, ver-se-ia Abrahão obrigado a restabelecer a ordem a murro secco, e a habitação até ali tão pacifica do patriarcha passaria a ser uma casa de desordem que daria escandalo á vizinhança e chamaria a attenção da policia.

Abrahão resistiu por algum tempo, mas a boa da velha tanto sarrazinou com elle, e tanto implicou com a Agar que não havia meio realmente de se comer o jantarinho com socego. Muitas vezes a sobre-meza Abrahão atirou com o guardanapo por arcs e ventos, e fugiu pela porta fora enquanto Sara chamava nomes a Agar; a Agar choramingava, e o Isaac fazia um berreiro infernal, primeiro por se esquecerem de lhe dar de mamar, segundo porque o Ismael que era levadinho da bréca lhe ferrava á socapa quantos beliscões podia.

Enfim, era necessario pôr um termo a isto. Abrahão foi ter com Agar e disse-lhe que era indispensavel ir procurar outro commodo; foi n'esta situação que o apanhou o pintor hollandez, auctor do quadro de que a nossa gravura é copia. Abrahão, vestido um pouco á moda do seculo xvi, acaba de dizer a Agar que não pode aturar a mulher, e que não tendo nascido ainda Naquet, e não havendo na Mesopotamia a lei do divorcio, não tem remedio senão pedir-lhe que faça a sua trouxa, e que parta com o filho para outras regiões, visto o pequeno já ser talado de mais para se metter na roda. O Abrahão está com a cara de um hanazola, que reconhece que está fazendo uma grandissima patifaria, mas que acima de tudo quer digerir com socego.

A gentil Agar vibra-lhe uns olhos humidos de lagrimas e de voluptuosidade, que talvez ei tornassem o caldo se... Mas Abrahão está inacessivel a essas fascinações, e a pobre Agar não tem remedio senão ir cuidar das roupas, comprar um bilhete de diligencia para Arabia, e partir. O que lhe succedeu no deserto não nos pertence a nós conta-lo. Como ella ia morrendo á sede, como lhe valeu um anjo, como Ismael veio a ser pae de todos os mussulmanos, a quem por isso Camões chamou *torpes Ismaelitas*, outra vez se contará se alguma gravura chamar de novo a nossa attenção para estes casos da historia biblica.

Abrahão e Sara viveram desde então em socego, o que prova muito a favor da consciencia do patriarcha. Aconteceu-lhe ainda o caso famoso do sacrificio de Isaac, que o nosso Abrahão, em virtude de outro recado celeste, estava prompto a matar, e a queimar, sem ao menos verificar se lhe não teria chegado errado o telegramma do Emyreo! Este Abrahão tinha como se vê, a fibra paternal muito desenvolvida!

Estas tradições biblicas, formosas de certo quan-

do vemos n'ellas apenas as lendas poeticas da infancia de um povo, tomam um caracter repugnante desde o momento que as queiram apresentar como modelos de moral. A intervenção constante dos anjos em todas estas maroteiras dá ás crianças uma triste ideia da moralidade dos céus n'esses bons tempos. Felizmente o verdadeiro livro sagrado dos christãos é o Evangelho, onde se não encontram senão os mais puros exemplos, e as mais santas lições.

Um calvario do seculo xv

O theatro teve na idade moderna, como na antiguidade, uma origem hieratica. Foi das festas de Bacco e das festas da Paixão que saiu o theatro grego e o theatro da idade media. Não é desrespeitosa a aproximação, porque o deus das vinhas, tomado hoje n'um sentido folgasão por nós que nada temos com as crenças dos povos antigos, era na antiguidade a symbolisação do principio fecundante e creador. Naturalmente a religião, que pelo seu caracter extranatural, exalta e inflamma a phantasia popular faz com que ella se desate em creações artisticas. A lenda de Bacco, e depois as lendas mythologicas e heroicas do povo grego tomavam naturalmente a forma sensivel e tangivel das scenas theatraes, como depois as peripecias do drama evangelico tomaram uma forma identica nas danças das procissões, nos calvarios, e enfim nos mysterios ou autos representados no adro das egrejas e ás vezes dentro d'ellas.

Um calvario, como este que a nossa gravura representa, era a forma mais simples d'essas representações scenico-religiosas e limitava-se a figurar os personagens da Paixão; mas ainda até ha muito pouco tempo em Portugal—e não sabemos se ainda em alguma aldeia se conserva o costume—os personagens do grande drama evangelico eram creaturas vivas, que representavam o seu papel de um modo mais ou menos comico, mas que não deixava de impressionar profundamente o povo dos fieis.

Era costume em Agueda, não ha muitos annos ainda, haver um rapazito que figurasse de centurião, e que n'um certo momento quando o prégador bradava: Arrepende-te, centurião! caia aos pes do Senhor Crucificado, batendo convulsamente no peito peccador. Aconteceu porem um anno que foi prégador a Agueda um padre de lhavo, terra que anda ou andava em continua rivalidade com Agueda. O rapaz, que fazia de centurião, não podera tragar que se fosse buscar a lhavo o prégador da festa. Passava portanto diante da cruz com uns arcs duplamente ferozes, e mostrando uma absoluta indifferença pela rhetorica do padre. Chegou o momento solenne e o prégador exclamou:

—Arrepende-te, centurião!

O centurião continuou a passear, com uns arcs in penitentes que produziram sensação no auditorio.

O prégador julgou que elle não ouvira bem, e repetiu com voz trovejante,

—Arrepende-te, centurião!

O centurião não manifestou nem os mais ligeiros symptomas de arrependimento.

—Arrepende-te, centurião! berrou o padre furioso.

—Não me arrependo nem por seiscentos diabos, murmurava o centurião. Não que elle ha-de levar que contar para lhavo.

O endurecimento d'este official romano fazia escandalo, e os parentes cercaram-n'o dizendo-lhe:

—Arrepende-te primo!

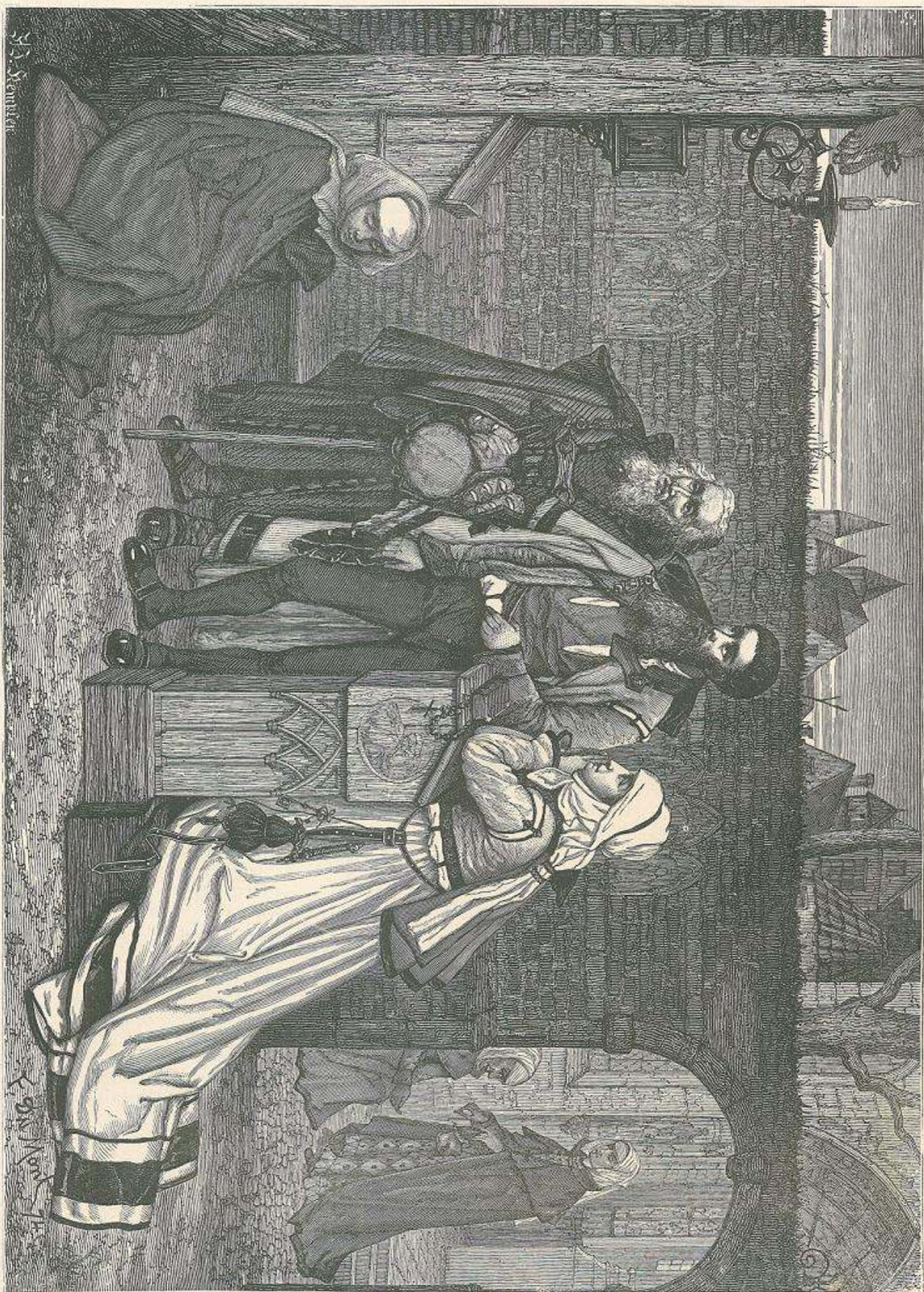
Qual arrepende-se! Não sabem os bem como terminou o caso, mas se o centurião se arrependeu, foi por obsequio á irmandade.

N'outras terras havia um frade que fazia de Christo, e a esponja ensopada em fel e vinagre que

to pouco se parecia com a doce voz do Nazareno: —Dá cá mais fel, Longuinhos!

devoção profunda nas almas, e, ainda que os centuriões se não arrependessem e os Christos pedissem

UM CALVARIO DO SECULO XV



os soldados romanos, uns bradalhões de marca lhe chegavam aos labios, era, segundo se afirma, pão de ló ensopado em vinho do Porto. O Redemptor tanto fel e vinagre bebeu que principiou a deixar cahir a cabeça, e a excluir com uma voz que mui-

Estas scenas podiam tambem passar-se no seculo XV, que foi, contra o que muitos imaginam, um seculo de scepticismo e ligeiramente voltairiano. Contudo, se os frades eram já então as victimas do epigramma e da apocodota, havia ao mesmo tempo uma

fel, nem por isso deixavam de ajoelhar contrictamente diante d'essas grosseiras representações do Calvario os mesmos que depois se riam a perder com as farças e soties em que nem sempre os padres e os frades representavam o mais brilhante papel.

E eu tambem poderia ter sido feliz!

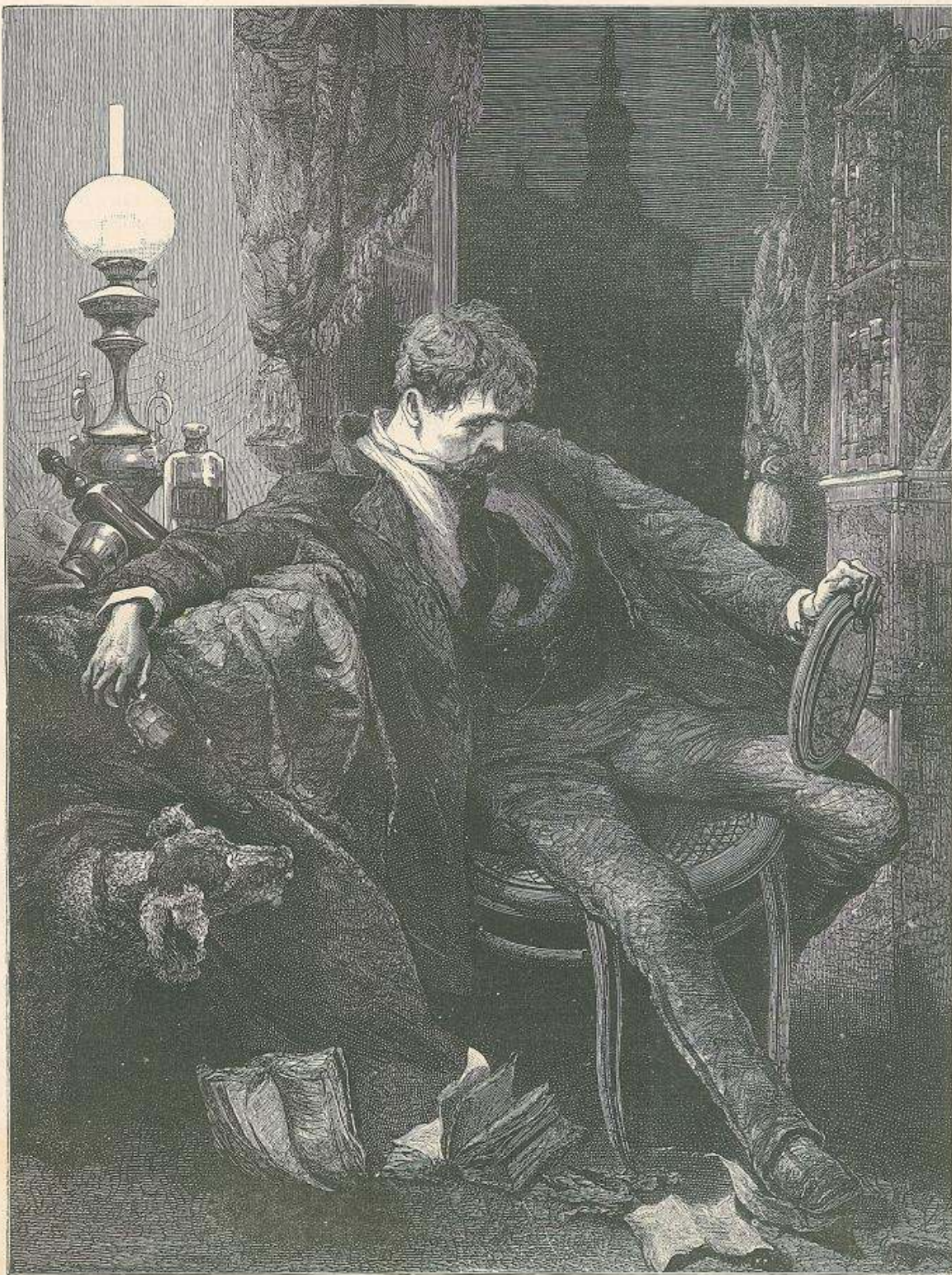
Nada ha que pinte mais eloquentemente, diz um escriptor francez a proposito da gravura que damos com o titulo acima indicado, a desordem moral do que esta gravura, que põe diante dos nossos olhos

tudo nos diz que está na nossa presença um ente vicioso, esmagado, aniquilado debaixo do peso dos seus vergonhosos excessos.

O aposento que o abriga parece luxuoso, ha uma estante a um canto: por todos os lados se vêem ricas tapeçarias, uma lampada antiga inunda a sala com

ai! bastou um dia, bastou uma occasião para fazer, d'esse brilhante moço a deploravel creatura que temos presente.

Esse moço, filho de uma familia opulenta, perdeu seus paes que o idolatravam no momento em que a mocidade precisa de um facho para a guiar, de



E EU TAMBEM PODERIA TER SIDO FELIZ

um homem novo ainda, mas que o vicio fez velho antes de tempo.

Os seus cabellos em desordem, a sua tez livida, a sua physionomia sem expressão que não seja a do embratecimento, o seu olhar embaciado, a sua attitude descaida, as garrafas vasias que se acham em cima da meza, o copo que empunha com mão debil,

a sua pallida luz.

Talvez, ao contemplarem esta gravura, muitos perguntem: E' possivel que este homem tivesse sido alguma vez gentil, amavel e intelligente?

Houve, houve um tempo em que sua mãe se ufava da sua estatura imponente, da sua physionomia nobre e bella, das suas virtudes nascentes, mas

um freio para a conter, e, senão das suas acções, atirou-se ao turbilhão dos prazeres perniciosos, que a ociosidade facilmente colhe na riqueza. Fatigado dos divertimentos da grande cidade, com o coração fechado a todas as esperanças da vida, tendo o espirito tão vazio como a bolsa, voltou aos tectos que o viram nascer, unicos bens que ainda lhe restam.

Corre a noite silenciosa, e elle encontra-se n'essa mesma bibliotheca, onde sua mãe o fazia saltar no collo, o alegrava com as suas canções, ensinando-lhe a rezar ao Creador, cujo nome quasi esqueceu.

A solidão, o silencio que reina em toda a natureza, a frescura da noite que entra pela janella aberta, a atmosphera do paiz natal, os objectos que o rodeiam, tudo lhe falla de uma epoca remota, em que entrevê, como que através de uma nuvem, os doces instinctos da sua infancia, as caricias de sua mãe, a ternura de seu pae. Esses momentos de innocencia e de felicidade apparecem-lhe como uma visão radiosa, a sua physionomia illumina-se, mas volta a assumir um aspecto sinistro, porque as suas orgias, as suas loucuras, a sua ruína projectam uma sombra lugubre no quadro risonho creado pela sua imaginação.

Então nem todos os sentimentos estão extinctos n'essa alma aviltada?

O moço infeliz dirige os olhos para a parede, donde lhe sorri um grupo que muitas vezes contemplou outr'ora: um homem e uma joven senhora, florescentes de moridade, dão-se as mãos, a juvenil senhora tem o véu e a corda das noivas. Esse moço era seu pae, essa menina sua mãe; vão receber a benção nupcial.

Levado por um movimento, que elle proprio não pode explicar, o desgraçado levanta-se'n um impeto, despendura da parede e põe diante de si esse quadro que lhe falla de uma felicidade, que elle não conheceu nunca, de uma felicidade que na virtude se esteia; uma lagrima lhe humedece as palpebras vermelhas e secas; um soluço lhe rasga o peito oppresso e exclama:

«E eu tambem poderia ter sido feliz!»

O cão que dormia debaixo da meza, um antigo companheiro dos prazeres, acorda ouvindo essa exclamação, tira a cabeça curiosa para fora do panno da meza, e quer como que perguntar ao seu dono o que o faz assim padecer.

Ah! se te respondesse, dir-te-hia: «Não tem descanço quem calçou aos pés a sua dignidade de homem, e que menospresou as santas leis do dever».

Assim explica, um pouco declamatoriamente, mas com grande minuciosidade, o escriptor francez a que acima nos referimos, o assumpto do quadro, de que a nossa gravura é copia. Elle espera que o protagonista do quadro ainda venha a arrepende-se completamente e a ser feliz; mas um patife que até desmoralisava o cão, andando com elle pelas orgias, enquanto a nós não toma ensino. Em vez dos versos sentenciosos, com que o escriptor francez encerra o seu artigo solenne, nós diremos simplesmente como o nosso velho amigo Sancho Pança: O que o berço o dá, a tumba o leva.

A joven grega do leque

Que formosissima physionomia! que esplendor de belleza! Tem a correcção das mais puras estatuas, e a animação e a expressão vivissima que lhe illumina o rosto e o tornam verdadeiramente encantador. Não era mais formosa a Helena de Homero quando pela belleza dos seus olhos Paris expoz á ruína completa a sua cidade natal, e a Grecia se arrojou em pezo sobre a Asia, não era mais bella a Vénus Aphrodita quando sacudiu, ao sair da concha Acidalia, ao vento perfumado do Archipelago as tranças humidas de espuma. Se o original da deliciosa aguarella de que a nossa gravura é copia existe realmente nas praias do Attica, ou nas margens do Eurotas, a Grecia moderna conserva então ainda a gloria de ser a terra classica do bello, a ter-

ra que pôde conceber o typo supremo da formosura nas Venus dos seus estatuarios immortaes.

E assim é effectivamente: como nos cantos populares dos gregos se conserva a doce inspiração das Saphos e dos Anacreontes, assim entre um povo que parece degenerado aos espiritos superficiaes vivem ainda essas mulheres esbeltas e formosissimas, cujos antepassados fizeram sonhar aos poetas que as candidas deusas immortaes tomavam na Grecia a forma humana, que a casta e formosissima Diana percorria os bosques do Peloponeso, e procurava a furto na caverna mysteriosa os beijos de Endymião; se elles encontrassem, esses phantasiadores dos antigos tempos, a mulher gentilissima que esta aguarella representa, o que julgariam era que Hebe, a deusa da mocidade, ciosa, de Ganymedes abandonara o cargo de fazer circular em torno das mezas dos immortaes o calice do nectar, e viera, empunhando o leque vistoso, e trajando as vestes modernas, illuminar com a sua belleza resplandecente de frescura as plagas sacratissimas da Hellade gentil.

ANTIGUALHAS

A empresa do theatro do Salitre, em 1804.
Uma escriptura de actor

(Conclusão)

Nos ultimos annos da vida, Francisco José d'Arsejas andou representando pelas provincias, á frente de uma companhia. Em 1838 estava em Santarem. Morreu depois de 1840 com mais de 90 annos. E seu neto o sr. Arsejas, livreiro na rua Augusta.

Ainda hoje vive no Porto uma filha do antigo actor; está casada com o ponto da antiga *Companhia Dramatica Lisbonense*, da direcção do sr. Macedo.

Em 1804 ainda elle era galã.

Pelas condições da escriptura verá o leitor a importância em que o empresario o tinha. Se os ensaios tivessem sido confiados a algum actor, só a elle poderiam commetter-se. E o ordenado de treze moedas e meia, correspondente hoje a não menos de cento e cincoenta mil réis?...

Adverta-se porém que a empresa do Salitre deu n'aquelle anno vencimentos exagerados, principalmente aos artistas que tirou dos outros theatros.

Concluo este artigo, que de certo já fatigou o leitor, com a transcrição da escriptura de Arsejas, a qual existe entre os papeis que do ministerio do reino recolheram para a Torre do Tombo, e que eu pude consultar, graças á obsequiosidade dos dignissimos empregados do nosso archivo nacional, os srs. Roberto Campos e Raphael Bastos, a quem envio os mais sinceros agradecimentos:

«Pela presente escriptura, que terá a mesma força de escriptura publica, digo eu José Joaquim d'Arsejas, que estou justo e contractado com o sr. Nicola Parizini, empresario do theatro do Salitre, para representar na sua empresa, no exercicio de actor d'ella, os caracteres serios, á excepção dos vellos, desde o dia que fizer a abertura do seu theatro até dia de entrudo de 1805, tendo eu a escolha de parte dos dramas que se houverem de representar, e vencerei de ordenado a quantia de sessenta e dois mil e quatrocentos reis cada mez, o qual ordenado começo a vencer no dia de hoje, dia de Paschoa, e será pago em dinheiro de metal, e vencerei mais um beneficio livre de despesas, com comedia nova dança nova e tambem farça nova, no caso que eu dê a farça, e sua musica, no dia que escolher não sendo domingo ou dia de guarda, e ainda mesmo dispensado, com a condição que quando o empresario queira commetter os ensaios a algum actor,

não poderá encarregar os senão a mim, e mais foi nosso contracto que terei quinze dias para passar os bilhetes de meu beneficio, os quaes se entenderão sem haver beneficio algum de permeio, e tambem terei quinze dias para estudar as partes dos dramas, prometendo fazer todo o favor á empreza a este respeito, com declaração que o dia que eu escolher para o meu beneficio será por mim assignado com anticipação de tres semanas, e no vencimento do meu ordenado ficam reservados os casos de incendio de theatro, morte de pessoa real, ruína da casa e suspensão por ordem superior; e em caso de doença vencerei quinze dias de ordenado, o que tudo prometto cumprir, e me sujeito na sua observancia e á jurisdicção do ministro inspector do dito theatro, e por ser reciproco este contracto, recebi da mão do dito senhor ordeno escriptura para a minha, com fiança a meu contento, e para validade me assigno com testemunhas.

Lisboa o 1.º de abril de 1804. José Joaquim d'Arsejas. — Como testemunhas no mesmo acto d'esta escriptura, Fernando José de Grós e Joaquim Antonio Marques »

MAXIMILIANO D'AZEVEDO

No artigo publicado no n.º 26 d'este jornal, e cujas provas não poderam ser emendadas por mim, saíram varios erros typographicos, que não me demoro a rectificar, porque o publico já o fez certamente na occasião da leitura.

Em todo o caso direi, que onde se lê *Nova Corte* deveria ler-se *Nova Castro*, titulo da celebre tragedia de J. Baptista Gomes; que Manique queria que as magias se representassem *no theatro* e não *nos theatros* do Salitre, pois que n'aquelle rua só uma casa de espectaculos existia então, a tal que era construida sobre paus cravados na terra e não cavados como se lê a pag. 206 d'este jornal.

ROSICLER RESAVAS

Passei: era sol posto. Adivinhei-te de traz dos cortinados da janella. E' que da sombra irradiava a estrella d'esta alma deida o mystico deleite.

A lua a estampar-se em mar de leite phaze não tem mais limpida e mais bella; não tem mais doces tons uma aguarella das que aos s. tins de um leque são enfeite.

No vago olhar passando pelo espaço vibravas, eu sei lá, scintillações que ideia de mais luz não faz, nem faço.

Tu, sem cuidar nas minhas impressões, resavas, com Littré sobre o regaço, nas mãos aberto um livro de orações.

AO CHARUTO (IMITAÇÃO DE CHARLEVAL)

Na minha solidão, enlevo, encanto, charuto que me das um fumo grato, com que desgostos raladores mata, com que as tristezas de minha alma espanta;

constante companheiro, que amo tanto, quando em nuvens de fumo te desato e logo se dissipam, eis o retrato da tenaz vida, que nos foga tanto.

Que cinza eu sou me dizes d'esta sorte que instante a instante os dias meus consumo, que o fogo que me anima é vida, e morte

N'esta existencia vã eis o resumo. En nescio que pensava ser mais forte acabo como tu em cinza e fumo.

(Gandarez)

S. M.

O ROEDERER...

Bernardino Martins chegou, de uma ocasião, a casa para jantar, e viu copos de Champagne na mesa.

—Copos de Champagne! disse entre si. É curioso! Ninguém faz annos hoje, n'esta casa: não ha razão para solemnizar data gloriosa, qualquer feito heroico de meus antepassados, n'este dia: e temos Champagne! Está celebre.

Ao sentar-se à mesa, perguntou:

—Quem deu ordem para saírem do guarda-louça estes copinhos?

—Ninguém, meu senhor! respondeu um creado, que, n'esse mesmo dia, havia entrado para aquella casa. Ninguém!

—Então, porque motivo estão os copinhos aqui?

O creado apontou para uma garrafa de Champagne, que estava em cima do aparador, e redarguiu respectivamente:

—Foi lembrança minha. Uma garrafinha de Champagne, que tomo a liberdade de offerecer a v. ex.ª!

—Homem! Essa agora! Eu agradeço muito, mas não quero incomodos; e até me surpreende, menos agradavelmente, que haja tido essa idéa, alem de dispendiosa, excêntrica.

—Bagatela! respondeu o servo, com modestia.

Bernardino comeu a sopa, entrou serenamente pelo cosido, metten-se pelo prato do meio, e, ao chegar ao assado, antes ainda de abrir a bocca, para dizer a minima cousa a tal respeito, viu o famulo cortar com destreza as cadeias que retinham, na sua prisão de crystal, aquelle vinho, mais que todos alegre e scintillante; e offerecendo o copo, viu, com prazer, pular dentro d'elle, o mais fino e seductor Champagne.

Bebeu.

—É bom! disse o Bernardino. E' muito bom! Apre, que este é bom!

—Ora, se é bom! retorquiu o creado. E' bom a valer! Depois de Cliquot e do Moetz, o melhor é este.

—Sim, heim!?

—Sim, senhor.

—Melhor que o *Carte-blanche*?

—Muito melhor.

—Melhor que o *Montebello*, melhor que o *Cordon rouge*?

—Melhor que isso tudo.

—Como sabe vossê tanto d'isso?

—Estive n'uma casa, onde se bebia muito champagne, e familiarizei-me com este vinho principesco. Isto é Roederer!

—E' galante! E' o mestre dos principes?

—Não tem nada com isso, mas não lhe é inferior. Conheço todas as marcas, e sei a valia e estimação, que convenha dar-se-lhes. Ah! está, por exemplo, o o Champagne *Cabinet*, que não vale nada; o *Sillery*, que é uma pingarola doce, de gulosos; e o *Rose*, que só é proprio para senhoras.

—Só?!

—Exclusivamente.

—Muito me conta! Bem, pois, visto isso, deite lá outro copo. Já que teve esta idéa, não quero que diga, que dou menos attenção à sua lembrança.

O creado encheu-lhe o copo novamente, com viva demonstração de jubilo.

—Isto é para que o aprecie! dizia elle reverentemente. Logo vi, que, v. ex.ª... Isto é—do melhor.

Agora, resta-me agradecer tanta bondade e indulgencia para com a minha fraca lembrança.

—Não; eu é que lhe agradeço. Como se chama vossemecê?

—Manuel.

—Obrigado, Manuel!

Passou-se em seguida à sobremesa, e não se falou mais em semelhante Roederer.

No dia immediato, Bernardino Martins—bastante encalmado, porque se estava no estrear do verão, u'um d'aquelles primeiros dias abasadores, que igualam, se não excedem, os que hão de vir depois em junho,—chegou a casa à hora de jantar, e foi, sem animo para mais, cair sobre uma cadeira e encostar-se à mesa.

—Sirvo o jantar? perguntou Manuel.

—Sirva, sim! Deixe-me descansar um instante, e, depois, traga.

—V. ex.ª ha de querer gelo?

—Gelo? Não; outro dia. Agora, é tarde para o irem buscar.

—De mais a mais, eu metti-o no pote.

—Hein?

—Digo que, assim como assim, não fará tanta falta o gelo, porque o metti no pote para estar fresquinho.

—Metten-o? Metten-o quê?

—O Roederer.

—Qual Roederer?

—O outro. O que não tem que ver com Suas Altezas.

—Ah! Fez bem. Ganha muita frescura com o estar na agua. Mas, para a outra vez basta embrulhar a n'um panno molhado.

—Nunca é tão bom. N'uma sorveteira, sim! Isso, sim!

Veiu o jantar para a mesa. Manuel serviu com muita gravidade, e conservou o mesmo ar respeitoso e sereno, que, já na vespera, o distinguira. Ao chegar ao assado, Bernardino Martins ouviu, de repente um estalo ao pé de si, e deu um pulo.

—Que é isto?

Manuel abriu uma garrafa de Champagne.

—E' o Roederer, sr. meu amo, o Roederer!

—Isso para que é? perguntou o dono da casa.

—Para v. ex.ª beber. Pois, para que hade ser! Este, não é o sr. professor; este, é o outro! E' o vinho.

—Champagne!

—Se me dá licença!

—Mas, o que significa esta historia, Manuel? Então vossê quer dar-me outra vez Champagne, homem?!

—Quando vou de novo para uma casa, sempre nos tres primeiros dias tenho esta leve attenção com meus amos!

—Nos tres primeiros dias! Isso não tem geito. Não consinto; não posso consentir semelhante cousa. Se os outros patrões, que tem tido, gostavam d'essas dadias, eu, nem as desejo, nem quero admittil-as mais. Ponhamos ponto n'um caso tão singular e feche lá a garrafa outra vez.

—Agora já está aberta...

—Não tem duvida. Rolhe-a e lacre-a. Isto fará de algum modo as vezes de arames e cordeis. Ande! feche-a; já lh'o disse!

O creado obedeceu, melancolicamente, emquanto Bernardino dizia entre si:

—Está a fazer-me pena! Elle offerecia-m'a com tão boa vontade! Mas, que remedio? Sejamos homem. Tenhamos força de vontade. Não deve tolerar-se que este pobre servo gaste o ordenado do

primeiro mez a presentear-me nos primeiros tres dias. Vê-se que tem muito bons sentimentos! O seu animo é generoso e cavalheiro. Nasceu para amo, este creado!

E, ao levantar da mesa:

—Estou com pena de não lhe haver feito hoje a vontade! Mas, cumpre ser homem!... Também, que idéa a d'elle,—dar Champagne ao seu amo! É ratão.

D'ali a dias foi avisado por Hislop, então director do caminho de ferro, de ter em casa um creado com o qual seria indispensavel a maior cautela, porque, havendo estado ao seu serviço, lhe roubára uma caixa de garrafas de Champagne.

—É o Roederer! exclamou Bernardino, limpando uma lagrima.

Era o Roederer...

O pobre creado tinha o vinho tão generoso, que nem o bebia... dava-o!

O peor do caso, porém, é que elle era doido; e, quando se soube isso já não havia mais Roederer...

Dois desgostos!

JULIO CESAR MACHADO.

UM CASO DE MAGNETISMO

(EXTRAHIDO D'UM CONTO DE EDGAR POE)

Ha tres annos que me preoccupo gravemente com o magnetismo, e desde um certo tempo para cá principiei a scismar n'isto:—em todas as experiencias que até ao presente se tem feito ha uma grande lacuna, muito notavel, e muito inexplicavel:—ninguem foi ainda magnetisado *in articulo mortis*.

Era preciso saber em primeiro lugar se n'aquelle estado excepcional existiria no paciente uma receptibilidade qualquer do influxo magnetico; em segundo lugar, se no caso affirmativo, essa receptibilidade augmentaria, ou diminuiria pela circumstancia da proximidade da morte; e em terceiro lugar até que ponto a operação poderia sustentar a vida do moribundo.

Havia ainda outras observações a fazer; mas estas especialmente excitavam a minha curiosidade, e sobretudo a terceira, por causa do character immensamente grave das suas consequências.

Procurando em volta de mim um homem, por meio do qual podesse resolver este problema, lembrei-me do meu amigo Ernesto Valdemar, o conhecido compilador da *Bibliotheca Forense*, e auctor, sob o pseudonymo de Marx das traducções polacas de *Wallenstein* e de *Gargantua*.

Valdemar, que residia ordinariamente em Harlem (New-York) desde o anno de 1839, era particularmente notavel pela sua excessiva magreza, e pela alvura da sua barba, que contrastava com o seu cabello perfeitamente preto, parecendo até que usava de chinó.

O seu temperamento era singularmente nervoso, o que o tornava um instrumento muito apreciavel para as experiencias magneticas.

Em duas ou tres occasiões já o tinha obrigado a dormir, sem grande difficuldade; mas enganei-me emquanto a outros resultados, que a sua constituição particular me faria esperar naturalmente.

A sua vontade nunca ficava inteiramente, positivamente submettida à minha influencia, e relativamente à mysteriosa penetração das cousas, à vista dupla, etc., nunca me foi possível conseguir nada d'elle.

Attribui sempre a inefficacia dos meus processos

ao estado alteradissimo da sua saude, porque, alguns mezes antes de o conhecer, os medicos diziam que o meu amigo soffria uma phthisica pulmonar perfectamente caracterisada.

Chegava a fallar muitas vezes do seu proximo fim com uma grande serenidade de animo, como se a morte fosse realmente para elle um acontecimento inevitavel, e ao mesmo tempo indigno de ser lamentado.

Quando me propuz a experimentar a influencia do magnetismo *in articulo mortis*, lembrei-me naturalmente de Valdemar.

Conhecia muito bem a solida philosophia do meu amigo, e por conseguinte não receiava escrupulos da sua parte, nem elle tinha parentes proximos na America que podessem intervir, oppondo-se á tentativa.

Fallei-lhe francamente no assumpto; e, com grande surpresa minha, vi que não só annua, mas até se interessava extraordinariamente.

Digo extraordinariamente por que em regra Valdemar sugentou sempre de bom grado a sua pessoa as minhas experiencias, mas nunca mostrou sympathia pelos meus estudos.

A sua doença era d'aquellas, que admittem um calculo exacto, relativamente á epoca do termo fatal; e portanto concordamos em que elle mandaria chamar-me, vinte e quatro horas antes do prazo marcado pelos medicos para a sua morte.

Passaram uns sete mezes, pouco mais ou menos, e recebi de Valdemar o seguinte bilhete:

«Meu caro amigo

Pode vir agora; os meus dois medicos assistentes concordaram em que isto não passava de amanhã a meia noite, mais minuto menos minuto; e creio que elles calcularam precisamente bem, porque me sinto muito mal.»

Recebi este bilhete meia hora depois de ser escripto, e parti immediatamente para casa do moribundo.

Já o não via ha dez dias, e fiquei espantado com a terrivel alteração de physionomia, que esse curto intervallo produziu.

A face tinha a côr do chumbo; os olhos estavam quasi apagados e o enagrecimento era tal, que as maçãs do rosto furavam a pelle.

A expectoração era excessiva, o pulso apenas sensível.

Conservava todavia d'am modo verdadeiramente singular todas as suas faculdades intellectuaes, e uma certa quantidade de força physica.

Fallava distinctamente, tomava sem difficuldade

alguns remedios palliativos, e quando entrei no quarto, estava escrevendo algumas notas n'uma carteira.

Duas grandes travesseiras sustentavam-lhe o corpo no leito; e os doutores D... e F... prestavam-lhe os seus cuidados.

Depois de lhe ter apertado a mão, fallei com os medicos, á parte, e informei-me minuciosamente do estado do enfermo.

O pulmão esquerdo estava ha dezoito mezes n'um estado semi-osseo, ou cartilaginoso, e consequentemente improprio para qualquer funcção vital.



A JOVEN GREGA DO LEQUE

O direito, na sua região superior, estava também ossificado, senão totalmente, pelo menos parcialmente; e na parte inferior estava reduzido a uma massa de tuberculos purulentos, penetrando-se uns aos outros.

Havia já perfurações profundas, e em certos pontos adherencia permanente ás costellas.

Estes phenomenos do lobulo direito eram de data comparativamente recente. A ossificação progredira com uma rapidez insolita. Um mez antes não se descobria nenhum symptoma, que a prenunciasse; e a propria adherencia notava-se apenas ha tres dias.

Independente da phthisica, suspeitava-se uma aneurisma da aorta; mas os symptomas de ossificação tornavam impossivel todo o diagnostico exacto.

A opinião dos dois medicos era que Valdemar devia morrer no dia seguinte á meia noite pouco mais ou menos.

Eram sete horas da tarde.

Deixando a cabeceira do doente para fallarem comigo, os doutores D... e F... disseram-lhe o ultimo adeus.

Não tencionavam voltar; mas a meu pedido consentiram em visital-o ainda uma vez ás dez horas da noite.

Quando sahiram fallei livremente com Valdemar a respeito da sua morte proxima, e mais particularmente da experiencia que tínhamos combinado.

Mostrou logo um vivo desejo de que se fizesse immediatamente.

Havia dois criados em casa do meu amigo, mas eu desejava para um ensaio de tanta gravidade de outras testemunhas, além d'essas, e adiei a operação para as oito horas a fim de procurar alguém que estivesse no caso de presenciar a minha extraordinaria tentativa.

Encontrei o meu amigo Theodoro C..., estudante de medicina, que se prestou da melhor vontade a acompanhar-me.

Ao principio tencionava esperar pelos medicos; mas depois resolvi-me a começar logo, não só pelas solicitações urgentes de Valdemar, mas porque também não havia um momento a perder; o enfermo finava-se a olhos vistos.

Theodoro teve a bondade de acceder ao desejo que lhe mostrei de que tomasse notas de tudo o que aconteresse; e é por assim dizer dos seus apontamentos que eu tiro a contraprova da minha narração.

Eram cerca de oito horas, quando pegando na mão do paciente lhe pedi que declarasse ao sr. Theodoro, o mais distinctamente que lhe fosse possível, ser da sua vontade que eu

fizesse uma experiencia magnetica sobre elle, em taes condições.

Respondeu com voz fraca, mas distincta:

—Sim, desejo ser magnetisado; e accrescentou immediatamente:

—Receio bem, que já seja tarde.

Emquanto elle fallava, comeciei os *passes*, que já tinha reconhecido como efficazes para o adormecer.

GUIMARÃES FONSECA.

(Continua).